

As conquistas de México-Tenochtitlan e da Nova Espanha. Guerras e alianças entre castelhanos, mexicas e tlaxcaltecas¹

The conquests of Mexico-Tenochtitlan and New Spain. Wars and alliances between Castilians, Mexicas and Tlaxcalans

Eduardo Natalino dos Santos²

natalino@usp.br

¹ Apresentei as primeiras reflexões sobre esse tema no XXIII Simpósio Nacional de História da Associação Nacional de História (ANPUH), em 2005, como parte do simpósio temático "Guerras e alianças na história dos índios: perspectivas interdisciplinares", coordenado por John Manuel Monteiro e Maria Regina Celestino de Almeida, a quem agradeço, assim como aos outros colegas do simpósio, pelas críticas e sugestões. Na ocasião, julguei que tais reflexões não estavam suficientemente maduras ou sistematizadas para serem publicadas nos anais do evento. Algum tempo depois, reorganizei algumas dessas reflexões em um texto preliminar, intitulado *Conquista do México ou queda de México-Tenochtitlan? Guerras e alianças entre castelhanos e altepeme mesoamericanos na primeira metade do século XVI*, que foi publicado na página da Internet *Os índios na história do Brasil*, coordenada pelo professor John Manuel Monteiro. O objetivo dessa versão preliminar era receber mais críticas e sugestões dos colegas pesquisadores e dos estudantes de graduação e pós-graduação. Agora, tendo acolhido muitas dessas críticas e sugestões e incorporado ao debate algumas das obras publicadas nos últimos anos sobre o tema, assim como adicionado a análise pontual do *Lienzo de Cuauhquechollan*, penso que tais reflexões estão minimamente maduras e organizadas para serem publicadas em um periódico científico. De todas as maneiras, as críticas e sugestões continuam a ser muito bem-vindas e desejadas.

² Professor do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos, Centro de Estudos Ameríndios – Universidade de São Paulo.

Resumo: O artigo pretende mostrar que considerar a queda de México-Tenochtitlan como obra fundamentalmente castelhana e como equivalente à conquista dos territórios que comporiam a Nova Espanha significa desconsiderar a variada gama de forças políticas e de agentes ameríndios que atuaram nesses processos históricos. Baseado na análise de escritos nahuas, como o *Lienzo de Tlaxcala*, o *Lienzo de Cuauhquechollan* e o *Códice Vaticano A*, o artigo mostrará que as guerras e alianças realizadas entre castelhanos e cidades mesoamericanas para efetuar a conquista de México-Tenochtitlan, entre 1519 e 1521, lançaram as bases políticas e militares que permitiram, nas décadas seguintes, a conquista castelhana-nahua de boa parte dos territórios que viriam a compor a Nova Espanha. Sendo assim, a conquista desses territórios não se deu de forma automática a partir da queda da capital mexica e tampouco foi realizada apenas pelos europeus. Ao percorrer esse trajeto, o artigo mostrará também que considerar as forças políticas e os agentes ameríndios para tratar dessas conquistas resulta em explicações bastante distintas daquelas que encontramos nas vertentes historiográficas que podemos chamar de *história dos vencidos* e de *história da mestiçagem*.

Palavras-chave: conquista de México-Tenochtitlan, fontes históricas nahuas, história indígena colonial.

Abstract: The article aims to show that considering the fall of Mexico-Tenochtitlan as a fundamentally Castilian accomplishment and equivalent to the conquest of the territories that would constitute New Spain disregards the diverse range of political forces and Amerindian agents that participated in this historical process. Based on the analysis of Nahuatl sources, such as the *Lienzo de Tlaxcala*, *Lienzo de Cuauhquechollan* and the *Códice Vaticano A*, it will be shown that the wars and alliances realized between Castilians and Mesoamerican cities to carry out the conquest of Mexico-Tenochtitlan (1519-1521) laid the political and military bases for the Castilian-Nahuatl conquest and colonization in the following decades of much of the territories that would become New Spain. Thus, the conquest of these territories neither happened automatically with the fall of the capital of the Mexica, nor was it achieved by Europeans only. Following this line of argument, the article reveals that considering the political forces and the Amerindian

agents while analyzing these conquests results in explanations quite distinct from the ones found in historiographical lines which could be called *history of the vanquished* and *history of miscegenation*.

Keywords: conquest of Mexico-Tenochtitlan, Nahua historical sources, indigenous colonial history.

Introdução

Período pré-hispânico e período colonial. Talvez essa seja a mais taxativa e, portanto, problemática divisão da História da América. De um lado, um gigantesco lapso temporal, de 20 ou 30 mil anos, em que os povos ameríndios teriam sido protagonistas de sua própria história, mas, supostamente, de uma história deficitária, fria ou, no máximo, morna, marcada por continuidades acentuadas, pela manutenção zelosa de tradições e pela vigorosa vigência de estruturas sociopolíticas e culturais que tendiam a apagar o protagonismo histórico dos indivíduos ou dos grupos sociais. Esses seriam, portanto, tempos e sociedades supostamente mais predispostos aos estudos antropológicos e arqueológicos. De outro lado, um período muito menor, de aproximadamente 500 anos, em que supostamente os povos ameríndios perderam o protagonismo histórico para os europeus e seus descendentes, ou para os mestiços, o que teria feito a história se aquecer e acelerar, gerando mais mudanças e transformações nesses últimos 500 anos do que em milênios do período anterior. Tais mudanças e transformações seriam fundamentalmente o resultado de certas conjunturas econômicas, políticas e sociais, encarnadas nas ações e vontades de indivíduos ou grupos sociais. Esses seriam, portanto, tempos e sociedades supostamente mais predispostos aos estudos históricos.

O divisor de águas entre esses dois tempos históricos assimétricos e, supostamente, de naturezas distintas é a chamada conquista da América, processo iniciado no final do século XV, na região do Caribe, mas que teria os seus mais espetaculares e paradigmáticos casos na derrota dos mexicas, em 1521, e dos incas de Cuzco, em 1532. Em outras palavras, a queda de México-Tenochtitlan e a entrada castelhana em Cuzco marcariam decisivamente as supostas derrotas indígenas, pois as mais altas expressões de conformações sociopolíticas da história pré-hispânica, os chamados impérios asteca e inca, teriam

sido supostamente vencidos por reduzidos contingentes de europeus, fatos que resultariam automaticamente em destinos semelhantes para todos os outros povos indígenas da Mesoamérica ou dos Andes Centrais.

Na historiografia recente sobre o tema, ou seja, de meados do século XX em diante, uma das mais exitosas e acabadas expressões dessa versão para a conquista da América se encontra na chamada história dos vencidos. Impulsionados pelo objetivo de trazer as interpretações indígenas das conquistas espanholas na América à cena historiográfica, Miguel León Portilla e Nathan Wachtel foram pioneiros ao publicarem estudos e coletâneas de textos indígenas que conteriam tais interpretações.³ Pautados pelo relevante propósito político de tornar a história da conquista menos monofônica e eurocêntrica no que diz respeito às fontes empregadas e às perspectivas dos agentes envolvidos, essas obras inauguraram uma nova agenda para os estudos da conquista e colonização da América: a incorporação das perspectivas indígenas, que haviam sido solenemente ignoradas até então e sobre as quais havia fontes disponíveis. Tais perspectivas mostrariam, entre outras coisas, as injustiças, violências, maus-tratos e crueldades dos conquistadores e colonizadores europeus ou de seus descendentes, situação que possuiria, em muitos lugares da América Latina, uma notável continuidade até tempos recentes ou presentes. Tais obras apontavam para a urgente tarefa historiográfica e política de ouvir as vozes dos povos indígenas da América Latina, do passado e, por extensão, do presente, ou seja, de todos os últimos 500 anos.

Apesar da significativa e efetiva relevância política alcançada por esse projeto historiográfico, sobretudo pela visibilidade que conferia à resistência indígena contra o processo de conquista ocidental, ele apresentava a conquista militar dos povos ameríndios como obra realizada quase que exclusivamente pelos castelhanos e centralizava a atenção na perspectiva dos indígenas derrotados, como

³ Miguel León Portilla e Ángel María Garibay publicaram *Visión de los vencidos* em 1959 (León Portilla e Garibay, 1959), obra que contém testemunhos mexicas sobre a conquista castelhana. Pouco tempo depois, em 1963, León Portilla publicou *El reverso de la conquista*, livro que contém testemunhos mexicas, maias e incas sobre o mesmo tema – esse último livro foi publicado em português com o título *A conquista da América Latina vista pelos índios. Relatos astecas, maias e incas* (León Portilla, 1987). Em 1971, Nathan Wachtel publicou *La vision des vaincus: Les indiens du Pérou devant la conquête espagnole (1530-1570)* (Wachtel, 1971), um estudo amplamente fundamentado em textos de origem indígena ou em fontes de matriz castelhana que poderiam indicar a perspectiva nativa da conquista.

se eles representassem a totalidade dos povos ameríndios, que estariam, assim, irmanados com astecas e incas e maias quichés em suas derrotas.

Parte dessa perspectiva sobre a conquista e colonização da América foi incorporada ou reproduzida pelos estudos de história cultural que, principalmente desde o final dos anos 1970, procuravam explicar as transformações socioculturais ocorridas entre as populações ameríndias a partir do contato com os cristãos. Dois conceitos-chave para essa difusa vertente historiográfica eram hibridismo e mestiçagem, que supostamente dariam conta de explicar a constituição das novas sociedades coloniais e a atuação de grande parte de seus agentes históricos, supostamente marcados por terem se formado a partir da mescla de elementos originários, mas modificados, de dois mundos que se encontraram e se confrontaram a partir das conquistas empreendidas e consolidadas pelos europeus no continente americano. Em geral, as obras que partilham desse modelo explicativo, assim como as que se fundamentam na história dos vencidos, tomam a conquista como obra realizada fundamentalmente por europeus e consideram todos os povos indígenas da Mesoamérica ou Andes como derrotados políticos a partir de 1521 ou 1532 – mesmo que apresentem esses povos como não totalmente derrotados no âmbito cultural ou social, pois os elementos modificados de suas culturas e sociedades teriam adentrado na formação do mundo colonial, caracteristicamente um mundo mestiço.

De modo geral, esse é o modelo explicativo que encontramos, por exemplo, em muitas das obras de Serge Gruzinski e de Carmen Bernand. Vejamos, à maneira de exemplo, como esses autores consideram a queda de México-Tenochtitlan como praticamente um sinônimo da conquista de todo o território que formaria depois a Nova Espanha e, por fim, o México, país homônimo à cidade mexicana, o que facilita retoricamente a identificação direta, mas absolutamente equivocada, entre o destino dos mexicas e o dos outros povos indígenas que habitavam o território do atual México.

Um par de citações de uma obra historiográfica recente desses dois autores é bastante eloquente para nossos propósitos: “Foi preciso esperar pela terceira expedição [a chefiada por Hernán Cortés] para que começasse, enfim, a conquista do México.” “Durante a ausência de Cortés, seu tenente, Alvarado, que ficara em México, foi tomado pelo medo e massacrou preventivamente uma parte da nobreza mexicana (23 de maio de 1520)”⁴ (Bernand e Gruzinski, 1997, p. 313, 351). A partir dessas duas citações, poderíamos pensar que os autores estão considerando a chegada de Cortés como o início do longo processo de

conquista territorial que formaria a Nova Espanha – que, *grosso modo*, é a base da formação territorial do México – e, portanto, como algo bastante distinto da conquista da cidade de México-Tenochtitlan. No entanto, as duas citações aparecem em um capítulo que se intitula *A conquista do México*, mas o processo histórico nele descrito refere-se, única e exclusivamente, à *conquista de México-Tenochtitlan*. Ademais, no capítulo seguinte, intitulado *Nascimento da Nova Espanha*, os autores tratam apenas das atuações dos que consideram vencedores, ou seja, dos castelhanos que participaram da conquista de México-Tenochtitlan (Bernand e Gruzinski, 1997, p. 313-353, 355-392).

O uso dessas duas expressões – *do México e de México* – como se significassem a mesma coisa não é apenas uma questão de desatenção para uma sutileza gramatical e linguística, mas uma das expressões do problema historiográfico que enunciamos acima. Isso porque o resultado dessa indistinção entre a conquista de México-Tenochtitlan e a conquista do México – que seria apenas uma outra forma de dizer *Nova Espanha* – é a identificação dos diversos povos indígenas da região com os mexicas e alguns poucos outros povos nahuas derrotados em 1521. Além disso, essa identificação contribui para a montagem de um modelo de análise bastante simplificado, pois pressupõe a existência e oposição de basicamente dois tipos de agentes ou forças políticas envolvidas na conquista e colonização cristã da América: índios X espanhóis.

Essa oposição simplificadora, como sabemos, é o ponto de partida tanto do modelo explicativo centrado na ideia de mestiçagem como daquele que pode ser chamado de história dos vencidos. Em ambos os casos, essa identificação – que também ocorre no caso dos Andes Centrais, ao se considerar a queda dos incas como sinônimo da conquista do vice-reino do Peru – serve para tentar resolver ou minimizar as contradições e diferenças internas entre os povos indígenas, reduzindo sua complexa história colonial – quando, por exemplo, muitos grupos nahuas eram aliados dos castelhanos e muitos grupos maias eram inimigos dos castelhanos e nahuas – à história dos mexicas. Partindo desse pressuposto equivocado, a história das décadas e séculos seguintes à queda de México-Tenochtitlan seria caracterizada quase que exclusivamente pela ação dos castelhanos e pela implantação de suas instituições sobre um mundo indígena derrotado, fadado ao desaparecimento ou, no máximo, capaz de algumas rebeliões.

A seguir, iremos ver que, se não partimos desses pressupostos, poderemos dar visibilidade histórica à variada gama de forças políticas e de agentes – sejam ameríndios ou castelhanos – envolvidos tanto na queda de México-Tenochtitlan como em outras conquistas e

⁴ A expressão entre colchetes foi inserida por mim.

processos políticos que embasaram a formação inicial da Nova Espanha. Por meio da análise de fontes nahuas, como o *Lienzo de Tlaxcala*, o *Lienzo de Cuauhquechollan* e o *Códice Vaticano A*, mostraremos que as guerras e alianças realizadas entre castelhanos e *altepeme*⁵ mesoamericanos para consumir a queda de México-Tenochtitlan, entre 1519 e 1521, lançaram as bases políticas e militares que permitiram a conquista, ao longo do século XVI, de grande parte dos territórios que viriam a ser a Nova Espanha, a qual não se deu de forma automática a partir da queda da capital mexica. Ademais, mostraremos que houve, em ambos os casos, convergências de interesses político-militares entre castelhanos e determinados grupos indígenas, os quais, portanto, entenderam tais conquistas como vitórias, sobretudo as realizadas na primeira metade do século XVI. A análise dessas fontes nahuas e a exposição de caráter mais factual que empreenderemos servirão como contraponto necessário aos modelos explicativos dicotômicos e teleológicos que mencionamos acima, para os quais os ameríndios foram ou seriam todos derrotados ou incorporados ao mundo cristão por conta da queda de México-Tenochtitlan, seja por terem sido vencidos ou porque a mestiçagem inevitavelmente os alcançaria e absorveria.⁶

A conquista de México-Tenochtitlan e dos territórios da Nova Espanha nos códices pictográficos nahuas

Além dos famosos textos produzidos pelos castelhanos no século XVI⁷, diversos escritos de origem nahua tratam dos episódios relacionados à queda de México-Tenochtitlan, em 1521, e às subsequentes conquistas de outros territórios. O *Lienzo de Tlaxcala* (Chavero, 1892), o *Códice Vaticano A* (Vaticano A, 1996), a *Historia de la conquista*, de Cristóbal del Castillo (Castillo, 2001), a *Historia de Tlaxcala*, de Diego Muñoz Camargo (Muñoz Camargo,

1998), e o *Livro XII da Historia general de las cosas de Nueva España*, produzido pelos alunos e informantes de Bernardino de Sahagún (Sahagún, 2002), são alguns deles. Esses escritos – textos alfabéticos em línguas mesoamericanas e europeias, códices pictográficos ou obras híbridas – nos permitem ter uma visão mais detalhada da participação indígena nesses episódios, tanto em termos qualitativos como quantitativos. Analisaremos três desses escritos: o *Lienzo de Tlaxcala*, o *Lienzo de Cuauhquechollan* – esse apenas de modo muito pontual – e o *Códice Vaticano A*, que nos apresentam, respectivamente, uma versão tlaxcalteca, uma versão cuauhquecholteca e uma versão mexica das conquistas de México-Tenochtitlan e de outros territórios da Nova Espanha. No entanto, antes disso, convém apresentar e sintetizar os principais eventos e fases da conquista de México-Tenochtitlan, que funcionará como base para as conquistas subsequentes. Isso nos permitirá situar e compreender com mais precisão os episódios descritos nas fontes nahuas que analisaremos.

O processo de conquista que levou à queda da cidade de México-Tenochtitlan pelos castelhanos e aliados indígenas durou pouco mais de dois anos e pode ser descrito e dividido da seguinte maneira.⁸

Primeira fase: alianças e contatos prévios à entrada dos castelhanos, tlaxcaltecas e totonacas em México-Tenochtitlan (fevereiro a novembro de 1519). Essa fase se inicia com a chegada da expedição de Hernán Cortés a Cozumel, em fevereiro de 1519, e prossegue com a navegação de suas embarcações pelo litoral da península do Iucatã e com o estabelecimento de contatos e conflitos com maias e totonacas em Campeche, Champontón, Xicalanco, Tabasco – onde teria recebido Malintzin de presente –, Cintla e Veracruz, vila fundada pelos castelhanos na região do golfo do México. Quando a expedição está em Cempoala, *altepetl* totonaca da região do golfo do México que possuía 25 mil habitantes⁹ e a hegemonia sobre outros 30 *altepeme*, chegam os emissários de Moctezuma com presentes aos estrangeiros.¹⁰ Em maio de 1519, os arrecadadores de tributos da Tríplice Aliança que haviam

⁵ Plural de *altepetl*, termo nahuatl empregado para designar as entidades político-territoriais relativamente autônomas que compunham a organização política geral mesoamericana. Tais entidades se caracterizavam, entre outras coisas, por possuírem um ou mais centros político-cerimoniais em seus territórios, pela presença de uma elite dirigente, pela produção e manutenção de uma história da própria entidade, por outorgarem a seus participantes uma identidade étnica, por possuírem uma deidade patrona e por serem compostas de células político-territoriais menores e relativamente autônomas, chamadas de *calpulli* (Lockhart, 1992).

⁶ Apontar as limitações de modelos polares ou maniqueístas aplicados à conquista da América não é uma novidade historiográfica. Por exemplo, Steve Stern realizou essa tarefa desde os anos 1980 com seu estudo sobre a conquista em Huamanga, Peru (Stern, 1986). Além disso, uma síntese de sua análise e reflexão sobre os modelos explicativos para a conquista da América pode ser encontrada em *Paradigmas da conquista, história, historiografia* e política (Stern, 2006).

⁷ Entre os quais podemos destacar as *Cartas*, de Hernán Cortés (1963), e as *Historias de la conquista de Nueva España*, de Bernal Díaz del Castillo (1994) e de Francisco López de Gómara (1979).

⁸ Diversas obras historiográficas recentes apresentam a descrição desse processo de modo detalhado, entre elas Thomas (1994).

⁹ As informações quantitativas que citaremos são aproximadas, pois estão sujeitas a variações de fonte para fonte. De qualquer forma, parece certo que a superioridade numérica dos indígenas na composição dos grupos que irão atacar México-Tenochtitlan foi bastante acentuada.

¹⁰ Uma ideia errônea e bastante difundida sobre as causas da derrota dos mexicas consiste em acreditar que os povos do centro do México teriam sido tomados de surpresa pela chegada e presença dos castelhanos. Vale lembrar que os castelhanos estavam no Caribe desde 1492 e que a expedição de Hernán Cortés fora precedida pela de Francisco Hernández de Córdoba, em 1517, e pela de Juan de Grijalva, em 1518. Ademais, uma expedição anterior, em 1511, terminou no naufrágio que fez Gonzalo Guerrero e Gerónimo de Aguilar chegarem às costas do Iucatã. Aguilar, que aprendeu o maia-ucateco vivendo na região entre os ameríndios, foi resgatado depois por Cortés, em Cozumel, e serviria de intérprete, juntamente com Malintzin, originária do centro do México, falante de nahuatl e que aprendera o maia-ucateco depois de ter sido enviada à região do Iucatã, provavelmente como cativa. Sendo assim, parece que, nesse contexto, mexicas e muitos outros povos mesoamericanos estavam atentos à presença dos estrangeiros em regiões vizinhas e que as notícias sobre a chegada de Cortés às costas do Iucatã chegaram rapidamente ao centro do México, pois Moctezuma teria inclusive informantes na região.

sido enviados à região foram expulsos pelos castelhanos, que obtêm, assim, o apoio de todo o Totonacapan, isto é, do reino totonaca do golfo do México, que se encontrava submetido aos mexicas.¹¹ A expedição parte em direção a Tlaxcala em agosto de 1519 e conta com cerca de 1.300 totonacas. Pelo caminho, sublevam cerca de dez *altepeme*, que deixam de pagar tributos aos mexicas. Chegam à região de Tlaxcala – um senhorio formado pela coalizão de quatro *altepeme* e que controlava uma região insubmissa aos mexicas – e, após alguns conflitos iniciais, conseguem estabelecer uma aliança, marcada pelo batismo dos quatro senhores tlaxcaltecas. Partem em direção a México-Tenochtitlan, mas passam antes por Cholula, um dos mais importantes centros comerciais e religiosos do altiplano central mexicano, onde matam sacerdotes e pessoas comuns na praça do templo de Quetzalcoatl: é a Matança de Cholula. A expedição adentra a região do vale do México por Chalco, onde estabelece outra aliança, e chega a México-Tenochtitlan em novembro de 1519, com cerca de 10 mil indígenas – sobretudo totonacas e tlaxcaltecas – e 500 espanhóis em sua composição.

Segunda fase: convidados em México-Tenochtitlan (novembro de 1519 a junho de 1520). Antes de serem recebidos em México-Tenochtitlan, parte dos castelhanos e aliados são recepcionados por Cacama em Texcoco, *altepetl* que fazia parte da Tríplice Aliança, de onde foram conduzidos à cidade dos mexicas-tenochcas.¹² Passam, antes, por Itztapalapan, governada por Cuitlahuac, irmão de Moctezuma, e chegam a uma das entradas de México-Tenochtitlan, onde são aguardados por Moctezuma e seu séquito. São, então, convidados a entrar na cidade mexica. Em seguida, chegam a México-Tenochtitlan notícias de conflitos entre um aliado mexica – Cuauhopoca, senhor de Nauhtlan – e os grupos de totonacas e castelhanos que não estavam com Cortés. Moctezuma ordena a prisão de Cuauhopoca, mas parece que Cortés exigia sua morte e que o soberano mexica acedeu. A decisão de Moctezuma descontenta parte das elites dirigentes mexicas e aliadas, e a situação se torna tensa, pois o conflito parece iminente. Os castelhanos prendem Moctezuma, Cacama e Totoquiuhatzin (soberano de Tlacopan, a terceira cidade da Tríplice Aliança) e exigem resgates em riquezas. Em abril de 1520, Panfilo Narváez chega ao continente com 1.400 soldados, 80 cavalos, 90 arqueiros, 60 arcabuzeiros,

20 canhões e 1 mil indígenas de Cuba para tomar o mando de Cortés, cujas permissões de conquista haviam sido revogadas pelo governador Diego de Velázquez antes da própria partida do conquistador. Cortés parte de México-Tenochtitlan com soldados castelhanos, chinantecas (cerca de 300), tlaxcaltecas e otomies (cerca de 3 mil) em direção ao golfo do México para combater Narváez. Durante a ausência de Cortés, em fins de maio de 1520, Pedro de Alvarado ordena o ataque aos mexicas durante a festa de Toxcatl: é a Matança do Templo Mayor. Os mexicas reagem e sítiam os castelhanos e aliados na parte central da cidade. Cortés, depois de derrotar Narváez e obter o apoio de suas tropas, volta a México-Tenochtitlan, e os mexicas permitem sua entrada na região sitiada. O sítio aos castelhanos e aliados continua até 30 de junho de 1520, quando eles resolvem fugir no meio da noite e levar o máximo de riquezas. São massacrados pelos mexicas na chamada Noite Triste. O sítio e a fuga resultaram na morte dos soberanos-reféns e também na de aproximadamente 1 mil castelhanos e 4 mil indígenas aliados a eles, de um total de aproximadamente 1.600 castelhanos e 7 mil indígenas envolvidos diretamente nesses conflitos nesse momento.

Terceira fase: recomposição das tropas e ampliação das alianças encabeçadas pelos castelhanos e tlaxcaltecas (julho de 1520 a princípios de 1521). Durante a fuga, os castelhanos, tlaxcaltecas e aliados são perseguidos pelos mexicas – governados por Cuitlahuac após a morte de Moctezuma –, acolhuas, tepanecas, chalcas, xochimilcas e outros grupos que se foram agregando aos prováveis vitoriosos naquele momento. Os sobreviventes adentraram o território tlaxcalteca e puderam estar em segurança ainda em julho de 1520. Os tlaxcaltecas discutem se deveriam entregar ou não os castelhanos aos mexicas, mas o resultado foi a reafirmação do pacto entre tlaxcaltecas e castelhanos. As tropas chefiadas por castelhanos e tlaxcaltecas são paulatinamente recompostas com a chegada de castelhanos vindos de Veracruz, comandados por Francisco Hernández, e de totonacas vindos de Cempoala. Até março de 1521, a expedição dedica-se a compor novas alianças com *altepeme* que eram dominados e tributados pelos mexicas, sobretudo com os do vale do México e os das regiões de Cholula, Morelos e Toluca. Enquanto isso, epidemias de varíola matam dezenas de milhares de indígenas, mexicas e aliados, entre os quais Cuitlahuac, o soberano mexica.

¹¹ Essa confederação ou senhorio totonaca possuía Cempoala como uma espécie de cabeceira, responsável, por exemplo, pela centralização dos tributos recolhidos e pagos aos mexicas. Vale dizer que essa conformação política – o Totonacapan – preexistia ao domínio dos mexicas e eles, após a dominarem, não mantiveram ali nenhum tipo de governante ou guarnição militar permanentes, mas somente alguns informantes – papel que muitas vezes era desempenhado pelos *pochtecas* ou *comerciantes* mexicas. Além desses informantes ou embaixadores, os mexicas enviariam arrecadadores quando os tributos não chegavam corretamente a México-Tenochtitlan.

¹² A cidade de México-Tenochtitlan, habitada pelos mexicas-tenochcas, ocupava parte de uma ilha do lago Texcoco, cuja outra porção pertencia à cidade-irmã México-Tlatelolco, habitada pelos mexicas-tlatelolcas. Ambos os grupos eram mexicas, mas uma dissidência política levou parte deles a fundarem outra cidade na mesma ilha, logo após a fundação de México-Tenochtitlan, em 1325. Assim surgiu México-Tlatelolco, que, em meados do século XV, depois uma guerra entre as duas facções mexicas, foi submetida politicamente pelos tenochcas e não pôde mais ter seu próprio *tlatoani*, isto é, seu soberano ou aquele que tem a palavra. Arquiteticamente, essa cidade submetida cresceu junto com México-Tenochtitlan, integrando-se a ela e se tornando famosa por se converter em uma espécie de mercado principal, onde se comercializavam produtos oriundos das várias partes dos domínios mexicas.

Quarta fase: sítio a México-Tenochtitlan (maio a agosto de 1521). Desde novembro de 1520, os castelhanos e aliados indígenas – de primeira hora ou conseguidos na fase pós-Noite Triste – realizam novos ataques a México-Tenochtitlan. Em janeiro de 1521, estabelecem uma aliança com Texcoco, ajudando-a no combate aos tlahuicas, que haviam se rebelado contra o domínio da Tríplice Aliança – da qual Texcoco fazia parte. As alianças contra os mexicas crescem de modo gradual e vigoroso até março de 1521 e chegam a abranger quase todos os *altepeme* ao redor do lago Texcoco. Entre maio e agosto de 1521, México-Tenochtitlan está sitiada, inclusive por um grande número de bergantins. Os mexicas pedem auxílio ao reino tarasco, que não a concede.¹³ Cuauhtemoc, o novo soberano mexica, lidera a resistência até 13 de agosto de 1521. Contando apenas com Itztapalapan e Malinalco a seu lado, combate uma coalizão composta por cerca de 50 *altepeme* indígenas e pelos variados grupos de castelhanos. Calcula-se que as tropas dessa coalizão se compunham de cerca de 20 mil indígenas e de 1 mil castelhanos – entre os quais estariam contados os escravos negros e os indígenas trazidos do Caribe. Devido às guerras, fomes e epidemias durante esses dois anos, a população de México-Tenochtitlan, que seria de 500 mil a 1 milhão de pessoas, foi reduzida à sua terça parte.

Essa breve apresentação dos eventos e fases da conquista de México-Tenochtitlan já nos permite perceber claramente que não estamos diante de um processo que polarizou castelhanos e indígenas, mas, sim, diante de um rearranjo da ordem político-militar e tributária da região, no qual os castelhanos eram os novos participantes e, sem dúvida, um dos que se revelaram mais importantes. O conhecimento detalhado desses eventos e processos não é uma novidade historiográfica. Muitos escritos dos séculos XVI e XVII, de matriz europeia ou mesoamericana, como os que mencionamos em nota anterior, relatam tais eventos e processos em detalhes. Uma parte considerável desses escritos tem sido publicada desde o século XIX. Em outras palavras, o que podemos chamar de nova historiografia

da conquista e de historiografia do indígena colonial, que vêm se consolidando desde os anos 1980 e 1990, não surgiram por causa da descoberta de fontes ou informações desconhecidas até então.¹⁴ A mudança mais marcante que esses dois campos historiográficos propuseram em relação à história dos vencidos ou em relação à história da mestiçagem consistiu em propor novas perguntas e problemas como pontos de partida para analisar os inúmeros escritos indígenas ou mesmo os de matriz europeia.

Tais escritos, como mencionamos, apresentam visões e interpretações ameríndias das conquistas e da presença cristã na região, processos que, naquele momento, não significaram o fim do poderio dos *altepeme* mesoamericanos ou das elites que os controlavam, como também mencionamos acima e como demonstraremos abaixo ao analisar o *Lienzo de Tlaxcala*, o *Lienzo de Cuauhquechollan* e o *Códice Vaticano A*. Analisar tais escritos é um caminho incontornável para entender a participação ameríndia nesses processos e, assim, não julgar as atuações dos agentes históricos indígenas com base apenas nos escritos de matriz europeia¹⁵ ou não partir do pressuposto que havia uma oposição natural e universal entre europeus e ameríndios nos campos político e social.

O *Lienzo de Tlaxcala* é um manuscrito pictográfico, produzido pelos tlaxcaltecas em meados do século XVI por encomenda do vice-rei Luis Velasco (1550-1564).¹⁶ Apresenta-nos como os principais aliados nahuas dos castelhanos participaram e entenderam posteriormente o processo de conquista que resumimos acima. Sua cena de abertura, que pode ser vista na Figura 1, retrata a composição política entre as autoridades castelhanas e as elites dirigentes dos quatro senhorios que compunham o grande *altepetl* de Tlaxcala: Ocotelolco, Tizatlan, Tepecticpac e Quiahuiztlan.

Seus líderes agrupam-se nos quatro cantos da cena e se dividem entre nobres principais – que estão em pé, trajando mantas de bordas decoradas e usando toucados com plumas – e chefes de *calpulli* – que são mais numerosos e se encontram no interior de pequenas construções

¹³ Além desse pedido de auxílio a um grupo relativamente distante, Moctezuma teria mandado, em 1519 ou 1520, uma embaixada avisar os maias-quichés das terras altas de Chiapas e Guatemala sobre a presença castelhana. Em resposta, os cakchiqueles, grupo maia dessa mesma região e em conflito com os quichés neste momento, teriam enviado uma embaixada a Cortés, propondo uma aliança com a intenção de conter ou reverter o recente avanço quiché sobre seus territórios (Bricker, 1993).

¹⁴ Ainda nos anos 1960, Charles Gibson foi um dos primeiros historiadores a se dedicar integralmente ao estudo histórico dos povos indígenas coloniais e a propor uma agenda de trabalho sobre eles. Pois, para Gibson, os indígenas coloniais seriam um objeto que caíra em uma espécie de limbo, pois não eram objetos de atenção central dos arqueólogos, preocupados com os indígenas do período pré-hispânico, nem dos antropólogos, ocupados com os povos indígenas em sua história mais recente e atual (Gibson, 2004). Além dele, muitos outros historiadores podem ser considerados antigos representantes da historiografia do indígena colonial. Entre eles estão: James Lockhart (1992), Karen Spalding (1999) e John Murra (1998).

¹⁵ Os quais, quando estudados de modo exclusivo, dificilmente nos permitem ter acesso às interpretações ameríndias sobre as conquistas e a presença cristã. A obra de Tzvetan Todorov (1993), por exemplo, é um caso clássico de tentativa de apresentar o que os indígenas teriam pensado sobre a conquista – particularmente, o que Moctezuma ou os mexicas teriam pensado – a partir da análise de escritos exclusivamente europeus, mais especificamente, a partir do estudo das Cartas de Hernán Cortés. Embora seu autor explicitamente declare que sua preocupação central não é construir a verossimilhança histórica, mas, sim, contar uma história exemplar, que teria uma moral a ser aprendida, sua obra tem sido, infelizmente, lida e tomada como uma obra historiográfica. E seu argumento central para explicar a conquista é bastante pernicioso, pois, em última instância, apresenta os indígenas – encarnados todos naquilo que Todorov pressupõe ser o pensamento de Moctezuma – como menos capazes de compreender as atuações e pensamento dos cristãos do que o contrário e, por essa razão, os indígenas teriam sido objetos de fácil manipulação por parte dos cristãos.

¹⁶ Parece que o *Lienzo de Tlaxcala* contou com três manuscritos produzidos no século XVI, que funcionaram como matrizes para a produção de outros onze, considerados cópias. A história da relação entre todos esses manuscritos é incompleta e obscura. Um desses manuscritos iniciais, citado em um inventário da coleção de Boturini e hoje desaparecido, mediria aproximadamente 5,5 x 2,2 metros (Glass, 1975, p. 214-217).

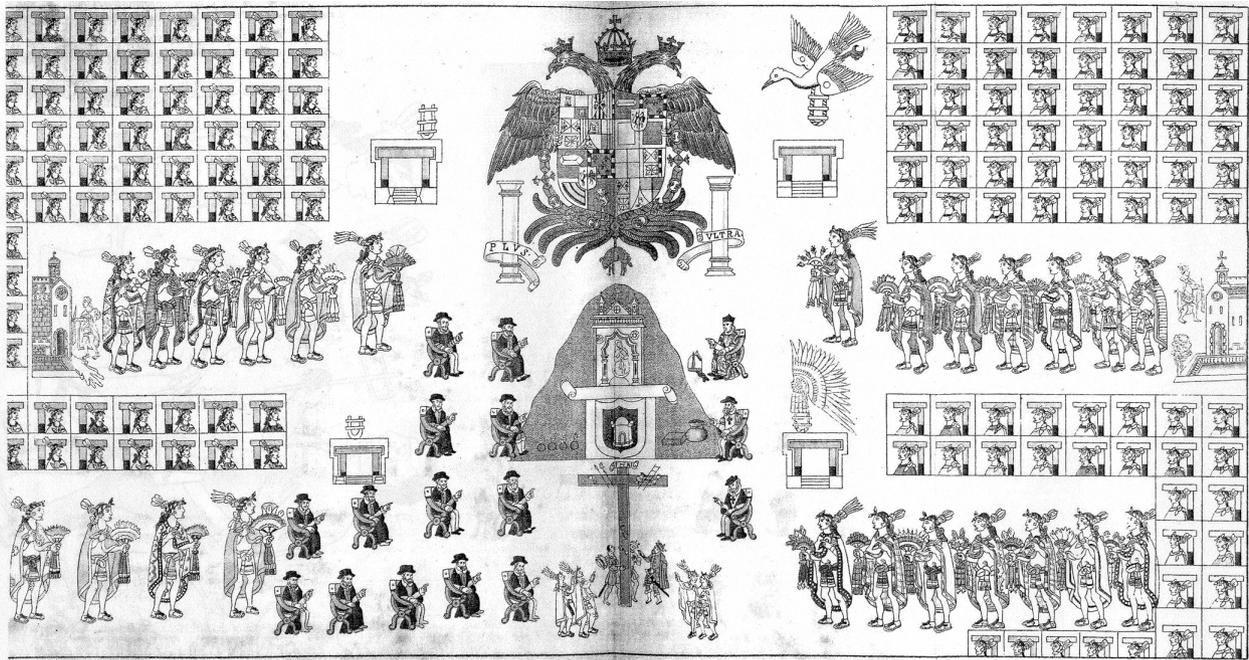


Figura 1. Composição política entre os quatro senhorios que formavam Tlaxcala e as autoridades castelhanas. *Lienzo de Tlaxcala*, cena inicial (Chavero, 1892).

Figure 1. Political composition between the four landlords of Tlaxcala and the Castilians authorities. *Lienzo de Tlaxcala*, scene 1 (Chavero, 1892).

representadas apenas com suas colunas e tetos, de modo semelhante ao que se encontra nos códices tradicionais mixteco-nahuas.¹⁷ Os chefes castelhanos encontram-se na porção central da cena, em assentos cuja representação foi incorporada ao sistema pictográfico mixteco-nahua como um glifo para significar *autoridade castelhana*, leiga ou religiosa. Todas essas autoridades circundam uma montanha sobre a qual estão representados uma igreja com a imagem da Virgem, ao centro, e os tributos quantificados à maneira mixteco-nahua, nas partes inferiores esquerda e direita. Abaixo dessa montanha e igreja, uma cruz é erguida por três castelhanos – o da direita parece ser Hernán Cortés –, enquanto quatro chefes tlaxcaltecas observam e comentam o que veem.

Poderíamos prolongar a descrição e análise dessa cena e propor interpretações que tratassem, por exemplo, de estabelecer as hierarquias políticas sugeridas pela posição e dimensão de suas imagens componentes. Poderíamos, também, tratar da inseparabilidade entre pacto

político e conversão religiosa para os castelhanos do século XVI ou da prática mesoamericana de adotar deuses estrangeiros como forma de fortalecimento político. No entanto, isso nos desviaria de nosso objetivo central, para o qual é mais importante destacar – tendo como base os elementos evocados acima – que a presença das autoridades castelhanas em tal cena reflete um rearranjo político que não desestrutura ou elimina as antigas composições de poder locais. Ao contrário, acrescenta-lhes elementos novos e centrais, isto é, o grupo castelhano e a conversão ao cristianismo – ao que parece, entendida inicialmente pelos tlaxcaltecas como a adição de novos e poderosos entes sobre-humanos a um rol já existente.¹⁸ Vale notar, que a hierarquia sugerida não é clara ou simples, pois as autoridades castelhanas ocupam o centro da cena, mas são menores e em menor número que os líderes dos quatro senhorios de Tlaxcala.

Nas dezenas de cenas que estão abaixo, o *Lienzo de Tlaxcala* irá retratar detalhadamente a história dessa

¹⁷ Os glifos onomásticos desses quatro senhorios no sistema pictográfico mixteco-nahua seriam formados, respectivamente, por uma ave voando, uma garça, uma ave parada e um toucado de guerreiro (Chavero, 1892, p. 10). Na cena inicial do *Lienzo de Tlaxcala*, podemos identificar apenas o glifo de Quiahuiztlan – em seu quarto inferior-direito – e o de Ocotololco – em seu quarto superior-direito.

¹⁸ Para explicar esse tipo de intercâmbio entre culturas tão distintas, como parecem ser a mesoamericana e a cristã ocidental naquele momento, o conceito de *identidade duplamente equivocada*, concebido por James Lockhart, parece ser muito adequado. Segundo esse conceito, os dois lados do intercâmbio cultural em questão partem do pressuposto que certas formas, conceitos ou símbolos possuem operacionalidade e significados habituais, ou seja, eles são tratados como se já fossem parte da própria tradição, mantendo alheia ou ignorando a interpretação que o outro lado atribuiria a essas mesmas formas, conceitos ou símbolos (Lockhart, 1998, p. 99). Sendo assim, o batismo dos senhores de Tlaxcala, por exemplo, poderia ter sido entendido e interpretado de modo completamente distinto por cristãos e tlaxcaltecas, sem que nenhum dos lados envolvidos percebesse tais distinções.

nova composição política e também os privilégios que dela resultaram para Tlaxcala, especialmente para a sua elite dirigente. A estrutura geral do manuscrito pode ser vista na Figura 2. Suas primeiras 42 cenas, que abrangem aproximadamente metade do manuscrito, apresentam a construção da aliança castelhano-tlaxcalteca e suas atuações conjuntas, que culminaram com a queda de um inimigo comum: a Tríplice Aliança encabeçada pelos mexicas.

Os 42 episódios retratados nessa primeira metade do manuscrito fazem parte das quatro fases do processo de conquista que resumimos acima. Entre tais episódios constam, por exemplo, as negociações intermediadas por Malintzin entre Cortés e os tlaxcaltecas, a matança realizada por castelhanos e tlaxcaltecas no templo de Quetzalcoatl, em Cholula, e o sítio mexica a castelhanos e aliados depois da Matança do Templo Mayor. Esses três episódios podem ser vistos, respectivamente, na Figura 3. Nessas cenas, destaca-se, além dos próprios tlaxcaltecas, a figura de Malintzin, que em muitos casos equivale à de Hernán Cortés em tamanho e em ações, pois recebe tributos em separado e comanda batalhas. Mas tratar do papel de Malintzin na conquista de México requereria outro artigo.

Para nosso argumento é mais importante destacar que, segundo a interpretação tlaxcalteca contida no *Lienzo de Tlaxcala*, a queda de México-Tenochtitlan não encerra o processo de conquista e, tampouco, a participação indígena nele, que prossegue de modo central na conquista de outros territórios e *altepeme*. Em toda a sua segunda metade, o *Lienzo de Tlaxcala* passa a tratar das dezenas de outras conquistas realizadas pelos tlaxcaltecas, castelhanos, totonacas e outros aliados, inclusive os mexicas, que, depois de derrotados, se juntaram à coalizão dos vencedores. Tais conquistas abrangeram uma série de *altepeme* do altiplano central mexicano logo após a queda dos mexicas, de Oaxaca, em 1524, da região tarasca, entre 1524 e 1530, e até da área maia da Guatemala, a partir de 1523. As conquistas de Culhuacan, no altiplano central mexicano, e da região da Guatemala podem ser vistas na Figura 4.

Como mencionamos, trata-se de uma versão da conquista e primeiras décadas do período colonial radicalmente distinta da que se encontra em obras historiográficas marcadas pela ideia de visão dos vencidos ou de mestiçagem, pois elas, em geral, tratam a conquista e a história colonial inicial como parte de um processo que opôs castelhanos e indígenas de modo polar desde o princípio e que resultou, de modo relativamente rápido e contundente, na derrota de todos esses últimos. Nessas obras, depois da derrota mexica, simplesmente se narra a implantação das instituições castelhanas e, eventualmente, algum ato de resistência heroica de alguns poucos indígenas, como se todos os povos da região que viria a ser depois

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	18, 115	19	
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		
32	33	34	35	36	37	38
39	40	41	42	43	44	45
46	47	48	49	50	51	52
53	54	55	56	57	58	59
60	61	62	63	64	65	66
67	68	69	70	71	72	73
74	75	76	77	78	79	80

Figura 2. Estrutura geral do *Lienzo de Tlaxcala*. Lienzo de Tlaxcala (Chavero, 1892).

Figura 2. General structure of the Lienzo de Tlaxcala Lienzo de Tlaxcala (Chavero, 1892).

a Nova Espanha já estivessem derrotados ou destinados à derrota após 1521.

Mas essa versão tlaxcalteca da conquista encontraria lastro histórico em outras evidências e fontes? Ou se trataria apenas de uma versão idealizada do passado, sem relação de verossimilhança com ele e construída *a posteriori* pelas elites políticas tlaxcaltecas apenas para, por exemplo, requerer privilégios políticos e tributários? Dezenas de outras fontes e estudos sobre os processos de

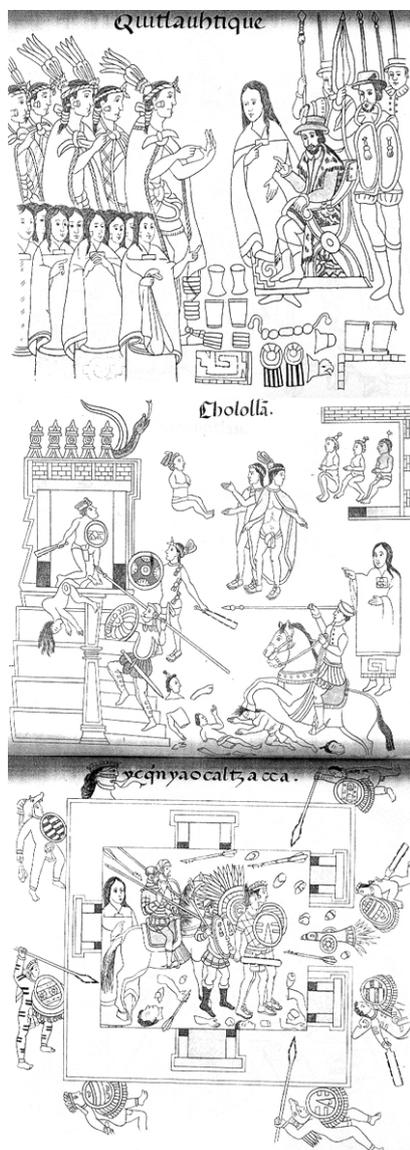


Figura 3. De cima para baixo: (a) negociação entre tlaxcaltecas e castelhanos intermediadas por Malintzin; (b) Matança de Cholula; e (c) cerco mexica a castelhanos e aliados após a Matança do Templo Mayor. *Lienzo de Tlaxcala*, cenas 7, 9 e 14 (Chavero, 1892).
Figure 3. From top to bottom: (a) negotiation between Tlaxcalans and Castilians, intermediated by Malintzin; (b) Cholula Massacre; (c) Mexica siege to Castilians and their allies after Great Temple Massacre. *Lienzo de Tlaxcala*, scenes 7, 9 and 14 (Chavero, 1892).

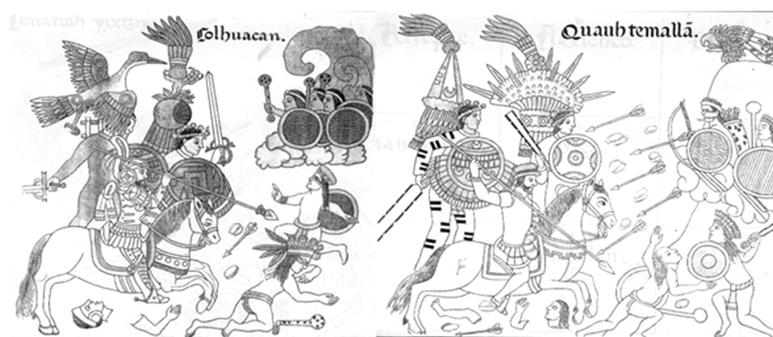


Figura 4. Da esquerda para direita: conquistas de (a) Culhuacan e da (b) Guatemala pelos castelhanos e tlaxcaltecas após a queda de México-Tenochtitlan. *Lienzo de Tlaxcala*, cenas 71 e 79 (Chavero, 1892).
Figure 4. From left to right: conquests of Castilians and Tlaxcalans over (a) Colhuacan and (b) Guatemala, after the fall of Mexico-Tenochtitlan. *Lienzo de Tlaxcala*, scenes 71 and 79 (Chavero, 1892).

conquistas pós-queda de México-Tenochtitlan confirmam a versão do *Lienzo de Tlaxcala*.¹⁹

Por exemplo, o *Lienzo de Cuauhquechollan* (Asselbergs, 2008), *altepetl* nahua situado próximo a Cholula, que estabeleceu aliança com os castelhanos e tlaxcaltecas em 1520 e que, assim, participou da vitória contra os mexicas, também apresenta uma versão nahua da conquista. Essa versão, focalizada centralmente na conquista da Guatemala, possui elementos que coincidem amplamente com aqueles que encontramos no *Lienzo de Tlaxcala*, especialmente no que diz respeito à constituição dos pactos políticos que precederam as campanhas de conquista e dos privilégios auferidos pelos ameríndios por conta de tais pactos e conquistas.²⁰ No caso do *Lienzo de Cuauhquechollan*, produzido no século XVI, retrata-se o pacto político entre castelhanos e cuauhquecholtecas – que pode ser visto na Figura 5 – e a subsequente campanha liderada por Jorge de Alvarado, irmão de Pedro de Alvarado, que fizera a primeira campanha de conquista à região maia, em 1523, retratada no *Lienzo de Tlaxcala*. Cerca de 5 ou 6 mil indígenas nahuas oriundos do centro do México teriam participado da campanha de conquista e pacificação da Guatemala liderada por Jorge de Alvarado, realizada quatro anos depois da liderada por seu irmão (Asselbergs, 2008, p. 2).

Baseado em várias fontes ameríndias, mas também em fontes de matriz europeia, pois muitas delas apresentam em detalhes os pactos entre castelhanos, nahuas e maias, estudos sobre a conquista da Guatemala também confirmam as versões contidas no *Lienzo de Tlaxcala* e no *Lienzo de Cuauhquechollan*. Mostram a existência de uma aliança entre quichés, cakchiquéis e rabinais nas terras altas da região maia, isto é, em Chiapas e Guatemala, que havia sido rompida alguns anos antes, fazendo aflorar a rivalidade entre cakchiquéis e quichés, sendo que esses últimos assumiram a hegemonia da região (Navarrete Linares, 2001). Os cakchiquéis viram nos castelhanos uma oportunidade de se livrar de seus inimigos e enviaram uma embaixada a México-Tenochtitlan para lhes oferecer uma aliança, que terminou por se consolidar e foi bastante relevante para que os castelhanos conseguissem se estabelecer na região maia de modo permanente e relativamente estável em alguns poucos anos.²¹

As conquistas da região chichimeca, ao norte da Mesoamérica, também foram paulatinas e contaram com

a ajuda de guerreiros e colonizadores tlaxcaltecas, tarascos, mexicas e otomies – em muitos casos, tais conquistas foram precedidas de missões religiosas. Os chichimecas viviam em sociedades menos hierarquizadas do que as mesoamericanas, possuíam uma maior mobilidade territorial e não estavam acostumados a participar de amplas redes de dominação tributária. Essas características contribuíram para que escapassem do controle e domínio castelhano e de seus aliados indígenas, deslocando-se para regiões de difícil acesso ou enfrentando tal domínio por meio de rebeliões, que começaram em 1540, com a de Mixton, e prosseguiram até o século XX.

Em suma, as fontes ameríndias e muitos estudos históricos recentes sobre as conquistas da região maia ou chichimeca coincidem, de forma geral, com o argumento apresentado no *Lienzo de Tlaxcala* e no *Lienzo de Cuauhquechollan*, isto é, que castelhanos, tlaxcaltecas e outros aliados não herdaram automaticamente os antigos domínios mexicas com a queda de México-Tenochtitlan e, muito menos, foram aceitos como os novos senhores dos territórios que viriam a compor a Nova Espanha, alguns dos quais sequer eram parte dos domínios mexicas.²² Sendo assim, podemos dizer que as alianças entre castelhanos e indígenas foram tão constantes e importantes na história de constituição da Nova Espanha como as guerras entre castelhanos e indígenas e as guerras entre indígenas e indígenas.

Durante os séculos XVI e XVII, as guerras e novas alianças e, por vezes, a aceitação do cristianismo exigiram um reposicionamento político das elites indígenas e a confecção de novas explicações históricas. Uma reação muito comum dessas elites, sobretudo das nahuas do altiplano central mexicano, foi recontar a história de sua linhagem ou *altepetl* incorporando certos aspectos dos acontecimentos recentes, da nova organização político-tributária e das instituições castelhanas. Tais histórias visavam, entre outras coisas, a manutenção de suas posições de superioridade no interior das sociedades indígenas e a reivindicação de territórios e privilégios minguantes junto às instituições e autoridades castelhanas. O *Códice Vaticano A*, manuscrito pictográfico com glosas em italiano produzido na segunda metade do século XVI, provavelmente em México-Tenochtitlan, contém um exemplo de reconstrução histórica nahua que, em um contexto cada

¹⁹ Uma excelente mostra desses estudos pode ser encontrada na coletânea intitulada *Indian conquistadors: Indigenous allies in the conquest of Mesoamerica* (Matthew e Oudijk, 2007).

²⁰ Além do *Lienzo de Cuauhquechollan*, há textos alfabéticos maias que tratam dessas conquistas, guerras e alianças. Uma amostra deles, assim como de relatos nahuas e espanhóis sobre os mesmos eventos, está reunida em *Invading Guatemala: Spanish, Nahuatl, and Maya accounts of the conquest wars* (Asselbergs e Restall, 2007).

²¹ A conquista das terras baixas do Iucatã foi muito distinta da conquista das terras altas, pois durou mais de cento e cinquenta anos e, mesmo assim, se restringiu a poucas regiões da península durante quase todo o período colonial. Mesmo depois da queda do último senhorio maia independente, o de Tayasal, já em 1697, com a qual os castelhanos e aliados ameríndios conseguiram estabelecer um domínio mais efetivo sobre a região de selva das terras baixas do Petén, alguns grupos dessa região permaneceram relativamente autônomos até meados do século XX, como os lacandones.

²² Ainda são poucas as obras historiográficas recentes e publicadas em português que incorporam o debate sobre a necessidade da construção de visões historicamente mais matizadas e politicamente menos dicotômicas sobre as diversas conquistas realizadas na Nova Espanha durante o século XVI. Entre elas, estão *A era das conquistas. América espanhola, séculos XVI e XVII* (Raminelli, 2013) e *Sete mitos da conquista espanhola* (Restall, 2006).



Figura 5. Pacto entre castelhanos e cuauquecholtecas. Canto superior esquerdo do *Lienzo de Cuauquechollan* (Asselbergs, 2008).
Figure 5. Pact between Castilians and Cuauquecholtecas. Superior left corner of the *Lienzo de Cuauquechollan* (Asselbergs, 2008).

vez mais desfavorável às elites indígenas, incorporou os novos eventos históricos e alguns elementos de instituições cristãs. Sua última seção é um livro de anais baseado em antigos códices pictográficos e que mantém a conta dos anos mexica como base de sua narrativa (*Códice Vaticano A*, 1996, p. 66v-96v).

Esses anais tratam da história de grupos nahuas que, após terem saído de suas antigas pátrias, teriam se reunido em Chicomoztoc, o Lugar das Sete Cavernas, no ano *ome acatl* (2 junco, que corresponde a 1194 d. C.). Essa reunião em Chicomoztoc precederia a longa migração

que cada um dos grupos nahuas, em geral isoladamente, teria empreendido até o seu estabelecimento definitivo no Vale do México, onde fundaram os *altepemes* que, como mencionamos, teriam formado as amplas alianças e redes de domínio tributário que vigoravam à época da chegada dos castelhanos. A Figura 6 reproduz a primeira página desses anais, e nela podemos observar os sete grupos que se reuniram em e depois saíram de Chicomoztoc, entre os quais estavam os mexicas.²³ Abaixo e à direita dessas cavernas, podemos ver três pequenos quadrados em vermelho que contêm os três primeiros anos dessa história segundo

²³ Dependendo da fonte e do grupo que a produziu, variam os sete grupos que estão reunidos em Chicomoztoc, uma espécie de passagem obrigatória na migração de muitas dezenas de povos que teriam suas pátrias originais na região conhecida como Grande Chichimeca, marcada pela presença de modelos políticos e sociais – como a presença de sociedades não estatais e a mobilidade territorial dos caçadores-coletores e agricultores ocasionais – bastante distintos dos que vigoravam na Mesoamérica. No caso do *Códice Vaticano A*, os mexicas são chamados de *chichimexi*, como podemos observar na glosa sob a caverna da extrema direita, enfatizando sua pertinência a esse grande conjunto dos povos chichimecas.

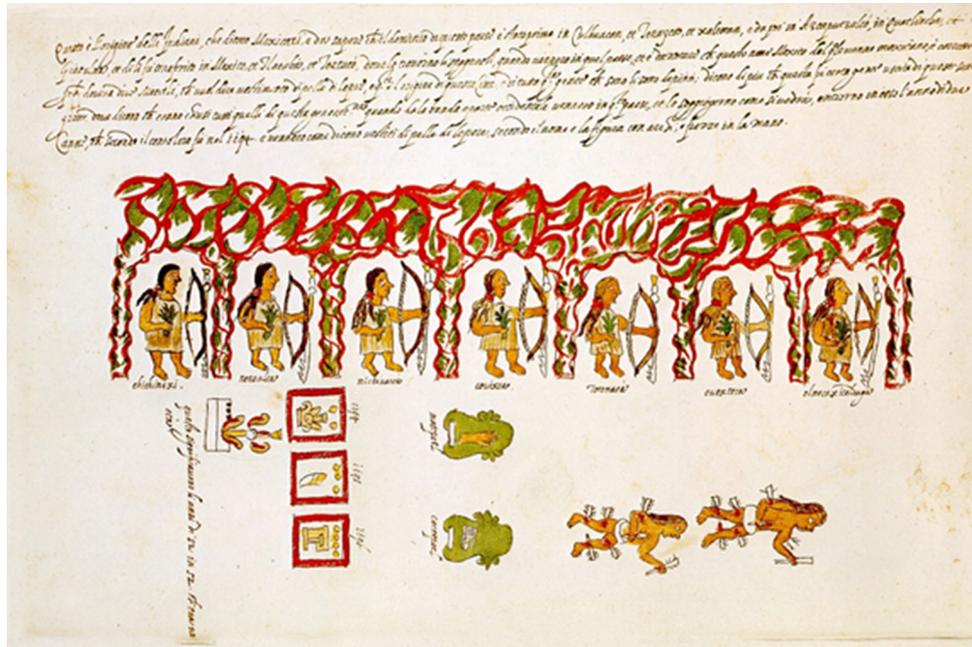


Figura 6. Saída dos setes povos chichimecas de Chicomoztoc, ou Lugar das Sete Cavernas, no ano 2 junco, e os dois primeiros locais por onde teriam passado: Matepetl e Cactepetl (*Códice Vaticano A*, p. 66v.).

Figure 6. The departure of the seven Chichimeca peoples of Chicomoztoc, or Place of the Seven Caves, in the year 2 reed and the first two places they would have passed: Matepetl and Cactepetl (*Códice Vaticano A*, p. 66v.).

a conta mexica: *ome acatl* (2 junco), *yei tecpatl* (3 punhal de pedernal) e *nabui calli* (4 casa), que corresponderiam, aproximadamente, aos anos de 1194, 1195 e 1196. Ao lado direito dos glifos dos anos, encontram-se os glifos toponímicos dos *altepeme* de Matepetl e Cactepetl, formados pela representação genérica de uma montanha verde – ou *tepetl*, adjetivo que significa *local politicamente organizado* e que compõe o próprio termo *altepetl* – sobreposta com glifos que a nomeiam e particularizam. Pelas próximas 43 páginas, os anais do *Códice Vaticano A* continuam a apresentar os episódios da história mexica pré-contato com os castelhanos, servindo-se de informações calendárias, toponímicas e antroponímicas de maneira sistemática, como faziam os códices pré-hispânicos que tinham as histórias grupais como foco central, chamados de *xiuhmatl*, ou *livro da conta dos anos*. Pouco antes de retratar a chegada dos castelhanos, os anais históricos do *Vaticano A* abordam, justamente, as lutas entre mexicas e tlaxcaltecas.

É o que podemos ver na Figura 7a. Em sua parte superior estão três glifos de anos: 11 punhal de pedernal (1516), 12 casa (1517) e 13 coelho (1518), da esquerda para a direita. Abaixo de cada ano, um evento está representado: a morte do rei de Texcoco, Nezahualpilli; o ataque de um importante guerreiro tlaxcalteca, Tlalucicole, reconhecido por seu adorno labial em forma de meia-lua; e a aliança entre Huexotzinco e México-Tenochtitlan para derrotar os tlaxcaltecas. Esse último evento é formado

pelos glifos toponímicos de Huexotzinco, acima, e de México-Tenochtitlan, abaixo, entre os quais se encontram, ligados por uma linha, um escudo e flechas, glifo para guerra, e um guerreiro tlaxcalteca morto e quase despido.

Além de apresentar, portanto, uma série de alianças e inimizades prévias à chegada dos castelhanos, os anais do *Códice Vaticano A* apresentam detalhes, ao tratar dos episódios posteriores a 1519, que permitem concluirmos que seus produtores não explicaram a queda de México-Tenochtitlan ou as conquistas subsequentes como resultados de guerras que opuseram binariamente europeus e indígenas e, tampouco, encararam tal queda como o fim da história mexica. Por exemplo, ao abordar a fuga dos castelhanos e de seus aliados de México-Tenochtitlan, episódio conhecido como Noite Triste, o *Vaticano A* menciona que teriam morrido 100 espanhóis e 400 tlaxcaltecas. Esses dados podem ser vistos na parte centro-superior da Figura 7b, em meio e um pouco abaixo dos dois glifos da conta dos anos. Temos aí o corpo despido de um castelhano, identificado como tal pela presença da barba, ao qual estão ligadas cinco pequenas bandeiras, cada qual representando o número 20 segundo o sistema de escrita mixteco-nahua. Ao lado direito do corpo, e também ligada a ele por uma linha, há uma cabeça de guerreiro tlaxcalteca, caracterizada pelo adorno em forma de meia-lua. Acima dela, uma pluma que, segundo o sistema pictográfico mixteco-nahua, significa 400.



Figura 7. (a) Aliança entre México-Tenochtitlan e Huexotzinco para combater os tlaxcaltecas, à esquerda, e (b) lutas entre mexicas, castelhanos e tlaxcaltecas que resultaram na expulsão desses últimos de México-Tenochtitlan, à direita (*Códice Vaticano A*, p. 88v e 89v.).
Figure 7. On the left, (a) alliance between Mexico-Tenochtitlan and Huexotzinco in order to combat the Tlaxcalans; on the right, (b) fights between Mexicas, Castilians and Tlaxcalans, which resulted in the expulsion of Tlaxcalans and Castilians of Mexico-Tenochtitlan (*Códice Vaticano A*, p. 88v., 89v.).

Ademais, assim como no *Lienzo de Tlaxcala*, a narrativa histórica do *Códice Vaticano A* não termina em 1521, mas avança por mais três décadas tratando do estabelecimento das autoridades castelhanas – religiosas e leigas – e dos processos de conversão ao cristianismo, bem como da sucessão das autoridades mexicas em México-Tenochtitlan, das epidemias e das lutas de castelhanos e indígenas aliados contra indígenas inimigos.

Como podemos perceber, os elementos presentes no *Códice Vaticano A* mostram claramente que as elites mexicas continuaram a produzir explicações sobre seu próprio passado depois da queda de México-Tenochtitlan. Tais explicações incorporavam os novos fatos e relações políticas em modelos narrativos antigos, caracterizados pela presença estrutural da conta dos anos, pela seleção de eventos relacionados às guerras e alianças entre os *altepeme*, pela centralidade das elites dirigentes e pela presença de representações de fenômenos que chamaríamos de naturais, tais como os terremotos e eclipses, que poderiam ser interpretados como bons ou maus presságios.

Considerações finais

A existência de explicações históricas indígenas que constroem certa continuidade entre o mundo pré-hispânico e o início do colonial, como a que se encontra presente no *Códice Vaticano A*, não significa que as conquistas territoriais e políticas que mencionamos tenham se caracterizado pela equidade nas relações entre castelhanos

e ameríndios. Se tal equidade existiu nos primeiros anos – ou até certa superioridade de poder e posição de alguma população ameríndia com relação aos castelhanos, como parece ter sido o caso dos tlaxcaltecas – sabemos que, sobretudo a partir da segunda metade do século XVI, a presença crescente dos castelhanos e de suas instituições, combinada com o declínio drástico da população indígena, permitirá a construção de relações muito mais assimétricas entre autoridades castelhanas e elites ameríndias, expressas na constituição de pactos políticos em que se concedem menos privilégios ao menor número possível de autoridades indígenas, as quais, de todos os modos, continuam a ser indispensáveis para o governo e a arrecadação de tributos que a República dos espanhóis exerceu sobre a República dos índios na Nova Espanha.

Em outras palavras, parece-nos fundamental perceber que as cidades e entidades políticas mesoamericanas não foram vítimas de um processo levado a cabo apenas pelos castelhanos e suas instituições. Mesmo em México-Tenochtitlan, a capital mexica derrotada e que se tornará o centro da administração da Nova Espanha, os castelhanos nomearam governadores indígenas da linhagem de Moctezuma após a morte de Cuauhtemoc – como é possível observar no *Códice Vaticano A* –, garantindo uma continuidade que visava dar legitimidade às novas instituições e ordem política aos olhos da população tenochca e nahua em geral. Além disso, essa linhagem obteve uma série de privilégios da coroa de Castela por um longo período, alegando principalmente ter contribuído para a implantação do cristianismo e do governo castelhano.²⁴

²⁴ Pedidos de manutenção ou de incremento de privilégios produzidos pelas elites mexicas e nahuas foram publicados e estudados em Pérez Rocha e Tena (2000) e em Chipman (2005).

Um anacronismo muito comum consiste em pensar que os grupos indígenas da primeira metade do século XVI sabiam, assim como nós, que olhamos retrospectivamente, o que ocorreria nas décadas posteriores, isto é, a progressiva diminuição de sua participação na organização política e a crescente exploração tributária e de mão de obra pelos castelhanos. Como seguramente não sabiam, a gama de variáveis levada em conta para tomarem suas decisões frente à nova ordem que se instaurava era outra e dela não faziam parte uma aliança pan-indígena para combater os minoritários castelhanos ou, tampouco, a visão de que todos estavam derrotados com a queda de México-Tenochtitlan. Sendo assim, é importante que os historiadores voltem parte de sua atenção às particularidades identitárias, às instituições políticas e às explicações históricas dos povos mesoamericanos, pois somente desse modo é possível entender suas distintas atuações na construção do mundo colonial. Procuramos realizar esse propósito, ao detalhar os processos de conquista de México Tenochtitlan e de territórios da Nova Espanha e ao analisar escritos pictográficos nahuas que apresentam diferentes versões desses processos.

Considerar essas forças políticas e agentes ameríndios para explicar a conquista de México-Tenochtitlan ou dos territórios da Nova Espanha não significa desconsiderar ou minimizar as atrocidades cometidas pelos castelhanos ou, muito menos, despolitizar a análise desse processo. Ao contrário, significa construir modelos de análise mais complexos, incorporando os povos indígenas como grupos identitariamente distintos entre si, com divisões e hierarquias sociais internas, com instituições próprias e como sujeitos de escolhas e alianças políticas. No lugar da simples oposição indígenas *versus* castelhanos, tão comum nas explicações que se apoiam centralmente na categoria de *mestiçagem* ou de *vencidos*, podemos pensar em relações multidirecionais que aliam ou opõem castelhanos, indígenas aliados e indígenas inimigos, *macehualtin* (população comum) e *pipiltin* (nobres ou principais), religiosos, conquistadores e *encomenderos*, e em uma série de outros vetores e dissensões políticas que compunham o mundo colonial no século XVI. Essa tarefa, como mencionamos ao longo do artigo, encontra-se em execução há algumas décadas e tem se concretizado em estudos que podemos chamar, por falta de denominação mais adequada, de *nova historiografia da conquista*.

Referências

ASSELBERGS, F.; RESTALL, M. (comps.). 2007. *Invading Guatemala: Spanish, Nahuatl, and Maya accounts of the conquest wars*. Pennsylvania, The Pennsylvania State University Press/University Park, 132 p.

- ASSELBERGS, F. 2008. *Conquered conquistadors: The Lienzo de Quauhquechollan: A Nahuatl vision of the conquest of Guatemala*. Boulder, University Press of Colorado, 372 p.
- BERNARD, C.; GRUZINSKI, S. 1997. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência europeia (1492-1550)*. São Paulo, Edusp, 704 p.
- BRICKER, V.R. 1993. *El cristo indígena, el rey nativo: el sustrato histórico de la mitología del ritual de los mayas*. México, Fondo de Cultura Económica, 528 p.
- CASTILLO, C. del. 2001. *Historia de la venida de los mexicanos y otros pueblos/Historia de la conquista*. México, Conaculta (Cien de México), 180 p.
- CHAVERO, A. 1892. *Lienzo de Tlaxcala: La conquista de México*. México, Artes de México, 80 p.
- CHIPMAN, D.E. 2005. *Moctezuma's children: Aztec royalty under Spanish rule, 1520-1700*. Austin, University of Texas Press, 200 p.
- CÓDICE VATICANO A. 1996. Introdução e explicação Ferdinand Anders e Maarten Jansen. Graz, Akademische Druck-Und Verlagsanstalt. México, Fondo de Cultura Económica. (Códices Mexicanos, XII).
- CORTÉS, H. 1963. *Cartas y documentos*. México, Editorial Porrúa (Biblioteca Porrúa, 2), 614 p.
- DÍAZ DEL CASTILLO, B. 1994. *Historia de la conquista de Nueva España*. 16ª ed., México, Editorial Porrúa, 700 p. (Colección Sepán Cuantos, nº 5).
- GIBSON, C. 2004. As sociedades indígenas sob o domínio espanhol. In: L. BETHELL (org.), *História da América Latina: América Latina colonial: Vol. 2*. São Paulo/Brasília, Edusp/Fundação Alexandre Gusmão, p. 269-308.
- GLASS, J.B. 1975. A survey of native Middle American pictorial manuscripts. In: R. WAUCHOPE; H.F. CLINE (eds.), *Handbook of Middle American Indians: Vol. 14*. Austin e Londres, University of Texas Press, p. 214-217.
- LEÓN PORTILLA, M.; GARIBAY, A.M. 1959. *Visión de los vencidos: relaciones indígenas de la conquista*. México, Biblioteca del Estudiante Universitario, 217 p.
- LEÓN PORTILLA, M. 1987. *A conquista da América Latina vista pelos índios: relatos astecas, maias e incas*. Petrópolis, Vozes, 143 p.
- LOCKHART, J. 1992. *The Nahuas after the conquest: A social and cultural history of the Indians of Central Mexico, sixteenth through eighteenth centuries*. Palo Alto, Stanford University Press, 650 p.
- LOCKHART, J. 1998. *Of things of Indies: Essays old and new in Early Latin American History*. Stanford, Stanford University Press, 397 p.
- LÓPEZ DE GÓMARA, F. 1979. *Historia de la conquista de México*. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 402 p.
- MATTHEW, L.E.; OUDIJK, M.R. (eds.). 2007. *Indian conquistadors: Indigenous allies in the conquest of Mesoamerica*. Norman, University of Oklahoma Press, 349 p.
- MUÑOZ CAMARGO, D. 1998. *Historia de Tlaxcala*. México, Gobierno del Estado de Tlaxcala, Ciesas & Universidad de Tlaxcala, 435 p.
- MURRA, J. 1998. Litigation over the rights of "natural lords" in Early Colonial courts in the Andes. In: E.H. BOONE; T. CUMMINS (ed.), *Native traditions in the postconquest world: A symposium at Dumbarton Oaks - 2nd through 4th October 1992*. Washington, Dumbarton Oaks Research Library and Collection, p. 55-61.
- NAVARRETE LINARES, F. 2001. La conquista europea y el régimen colonial. In: L. MANZANILLA; L. LÓPEZ LUJÁN (coords.),

- Historia antigua de México – vol. IV: Aspectos fundamentales de la tradición cultural mesoamericana*. 2ª ed., México, INAH e Instituto de Investigaciones Antropológicas/Miguel Ángel Porrúa, p. 371-405.
- PÉREZ ROCHA, E.; TENA, R. 2000. *La nobleza indígena del centro de México después de la conquista*. México, INAH, 459 p.
- RAMINELLI, R. 2013. *A era das conquistas: América espanhola, séculos XVI e XVII*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 177 p.
- RESTALL, M. 2006. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 346 p.
- SAHAGÚN, B. de. 2002. *Historia general de las cosas de Nueva España*. Versión íntegra del texto castellano del manuscrito conocido como Códice florentino. 3ª ed., México, Conaculta (Cien de México), 3 vols.
- SPALDING, K. 1999. The crises and transformation of invaded societies: Andean area (1500-1580). In: F. SALOMON; S. SCHWARTZ (ed.), *The Cambridge history of the native peoples of the Americas: Volume III: South America: Part 1*. Cambridge University Press, p. 904-972.
- STERN, S. 1986. *Los pueblos indígenas del Perú y el desafío de la conquista española: Huamanga hasta 1640*. Madrid, Alianza Editorial, 358 p.
- STERN, S. 2006. Paradigmas da conquista, história, historiografia e política. In: H. BONILLA (org.), *Os conquistados: 1492 e a população indígena das Américas*. São Paulo, Hucitec, p. 27-66.
- THOMAS, H. 1994. *La conquista de México*. México, Editorial Patria, 896 p.
- TODOROV, T. 1993. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo, Martins Fontes, 263 p.
- WACHTEL, N. 1971. *La vision des vaincus: Les indiens du Pérou devant la Conquête espagnole (1530-1570)*. Paris, Gallimard, 395 p.

Submissão: 24/02/2014

Aceite: 29/04/2014